

ANÁLISE E ENTENDIMENTO

4. Identifique e explique pelo menos três consequências da revolução espiritual causada pela descoberta de que a Terra não era o centro do Universo, determinantes na produção filosófica do indivíduo moderno.
5. Qual foi a estratégia proposta por Francis Bacon para combater os erros provocados pelos ídolos? Explique cada passo.
6. Segundo Galileu, o “livro” do universo “está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas”. Como você explica essa afirmação? Como essa ideia se expressa no trabalho científico de Galileu?
7. Sintetize a nova metodologia científica adotada por Galileu Galilei.
8. Destaque aspectos do pensamento de Isaac Newton a respeito do mundo e de Deus.

CONVERSA FILOSÓFICA

2. Saber é poder

Francis Bacon entendia que “saber é poder”. Reflita sobre essa afirmação. Você acha que o conhecimento é fonte de poder? Pense nos vários tipos de conhecimento (político, tecnológico etc.) e nos vários meios de poder. Depois reúna-se com colegas para trocar ideias e debater o tema.

GRANDE RACIONALISMO

O conhecimento parte da razão

Durante o século XVII, a confiança no poder da razão no processo de conhecimento chega a seu auge no contexto da filosofia, à qual a ciência ainda se mantinha vinculada. Por isso a produção filosófica dessa época costuma ser denominada **grande racionalismo**.

Conforme vimos antes, no campo das teorias do conhecimento, **racionalismo** designa a doutrina que privilegia o papel da razão no processo de conhecer a verdade (reveja o trecho a esse respeito no capítulo 10). Abordaremos em seguida dois dos principais filósofos racionalistas desse período: René Descartes (nosso velho conhecido) e Baruch Espinosa.

René Descartes

René Descartes (1596-1650) nasceu em La Haye, França, em uma família de prósperos burgueses. Decepcionado com a formação tomista-aristotélica que recebera no colégio jesuíta de La Flèche, decidiu buscar a ciência por conta própria, esforçando-se por decifrar o “grande livro do mundo”. Em suas inúmeras viagens pela Europa, estabeleceu contatos com vários sábios de seu tempo, entre eles Blaise Pascal, que estudaremos adiante.

Vejam algumas concepções básicas de seu pensamento. Algumas delas já foram estudadas em capítulos anteriores, mas é importante fa-

René Descartes (1648)
– Frans Hals, óleo sobre tela. Temendo perseguições religiosas e tendo em mente a condenação de Galileu, Descartes foi bastante cauteloso na exposição de suas ideias. Autocensurou vários trechos de suas obras para evitar tanto a repressão da Igreja Católica como a reação fanática dos protestantes. Apesar disso, o que publicou é suficientemente vasto e valioso para situá-lo como um dos pais da filosofia moderna.



MUSEU DO LOUVRE, PARIS, FRANÇA

zermos aqui uma breve recapitulação, recontextualizando alguns conceitos, para que você tenha um quadro mais completo do pensamento cartesiano.

Dúvida metódica

Vimos anteriormente que Descartes afirmava que, para conhecer a verdade, é preciso, de início, colocar todos os nossos conhecimentos em **dúvida**. É necessário questionar tudo e analisar criteriosamente se existe algo na realidade de que possamos ter plena certeza.

Fazendo uma aplicação metódica da dúvida, o filósofo percebeu que a única verdade totalmente livre de dúvida era que ele pensava. Deduziu então que, se pensava, existia (“Penso, logo existo”). Para Descartes, essa seria uma verdade absolutamente **firme, certa e segura**, que por isso mesmo deveria ser adotada como **princípio básico** de toda a sua filosofia. Era sua base, seu novo centro, seu ponto fixo.

É preciso ressaltar que o termo **pensamento** é utilizado pelo filósofo em um sentido bastante amplo, abrangendo tudo o que afirmamos, negamos, sentimos, imaginamos, cremos e sonhamos. Assim, o ser humano seria, para ele, uma substância essencialmente pensante. (Para mais detalhes, veja o tema da dúvida metódica no capítulo 2).

Dualismo

Também estudamos anteriormente que Descartes, aplicando a dúvida metódica, chegou à conclusão de que no mundo haveria apenas duas substâncias, essencialmente distintas e separadas:

- a **substância pensante** (*res cogitans*), correspondente à esfera do eu ou da consciência;
- a **substância extensa** (*res extensa*), correspondente ao mundo corpóreo, material.

O ser humano seria composto dessas duas substâncias, enquanto a natureza se constituiria apenas de substância extensa. Essa era uma concepção que se chocava com a noção tomista-aristotélica predominante, segundo a qual haveria tantas substâncias quantos são os seres que existem.

A metafísica cartesiana também incluía uma **substância infinita** (*res infinita*), relativa a **Deus**, o ser que teria criado todas as coisas. Mas essa substância não seria parte deste mundo, pois o Deus cartesiano é **transcendente**, está separado de sua criação. (Para mais detalhes sobre o dualismo cartesiano, veja os trechos a esse respeito nos capítulos 6 e 7).

Idealismo

Descartes concluiu, porém, que o pensamento (ou consciência) é algo mais certo que qualquer corpo, pois ele considerava a matéria “algo apenas conhecível, se é que o é, por dedução do que se sabe da mente” (RUSSELL, *História da filosofia ocidental*, v. 2, p. 88).

Essa é uma concepção **idealista**, tanto em termos ontológicos como epistemológicos, pois prioriza o ser pensante em contraposição à matéria, bem como a atividade do sujeito pensante em relação ao objeto pensado.

Racionalismo

Descartes era um **racionalista** convicto. Recomendava que desconfiássemos das percepções sensoriais, responsabilizando-as pelos frequentes erros do conhecimento humano. Dizia que o verdadeiro conhecimento das coisas externas devia ser conseguido através do trabalho lógico da mente. Nesse sentido, considerava que, no passado, dentre todos os indivíduos que buscaram a verdade nas ciências, “só os matemáticos puderam encontrar algumas demonstrações, isto é, algumas razões certas e evidentes” (DESCARTES, *Discurso do método*, p. 39).

Descartes atribuía, portanto, grande valor à matemática como instrumento de compreensão da realidade. Ele próprio foi um grande matemático, considerado um dos criadores da **geometria analítica** – sistema que tornou possível a determinação de um ponto em um plano mediante duas linhas perpendiculares fixadas graficamente (as **coordenadas cartesianas**).



Detalhe da obra *Descartes na corte da rainha Cristina* (século XVIII) – Pierre-Louis Dumesnil, óleo sobre tela. A imagem retrata uma demonstração de geometria feita por Descartes à rainha da Suécia e sua corte. Em fins de 1649, Descartes aceitou o convite da jovem monarca para se estabelecer em Estocolmo e ministrá-lhe lições. Em pleno inverno nórdico, ao final de um mês de estadia, no entanto, desenvolveu uma pneumonia que em poucos dias levou-o à morte, aos 53 anos de idade.

CHATEAU DE VERSAILLES, VERSAILLES, FRANÇA

Método cartesiano

Da sua obra *Discurso do método*, podemos destacar quatro regras básicas, consideradas por Descartes capazes de conduzir o espírito na busca da verdade:

- **regra da evidência** – só aceitar algo como verdadeiro desde que seja absolutamente evidente por sua **clareza e distinção**. As ideias claras e distintas seriam encontradas na própria atividade mental, independentemente das percepções sensoriais externas. Devido a elas, Descartes propôs a existência das **ideias inatas** (com as quais nascemos), que são plenamente racionais. Exemplos: as ideias matemáticas, as noções gerais de extensão e movimento, a ideia de infinito etc.
- **regra da análise** – dividir cada uma das dificuldades surgidas em tantas **partes** quantas forem necessárias para resolvê-las melhor.
- **regra da síntese** – reordenar o raciocínio indo dos problemas mais simples para os mais complexos.
- **regra da enumeração** – realizar verificações completas e gerais para ter absoluta segurança de que nenhum aspecto do problema foi omitido.

Herança cartesiana

O pensamento de Descartes influi profundamente no pensamento posterior. Sua concepção dualista do ser humano ainda é sentida em diversos campos do conhecimento. E seu método contribuiu grandemente para uma visão reducionista da realidade (reveja o que é o reducionismo consultando o capítulo 6).

Sua tentativa, porém, de reconstruir o edifício do conhecimento talvez não tenha obtido resultados tão fecundos quanto o efeito demolidor que causou. Por isso podemos dizer – junto com alguns de seus comentadores – que Descartes celebrou-se não propriamente pelas questões que resolveu, mas, sobretudo, pelos problemas que formulou – os quais foram herdados pelos filósofos posteriores. As filosofias de Espinosa, Leibniz e Malebranche são exemplos disso, pois foram construídas a partir da meditação dos problemas postos por Descartes e seguindo estruturas provenientes do pensamento dele (cf. ALQUIÉ, *A filosofia de Descartes*, p. 141).

Baruch Espinosa

Baruch Espinosa (1632-1677) nasceu na Holanda, filho de imigrantes judeus de origem hispano-portuguesa. Em sua filosofia, desenvolveu um **racionalismo radical**, caracterizado principalmente pela **crítica às superstições** religiosa, política e filosófica.



SCIENCE PHOTO LIBRARY/LATINSTOCK

Para Espinosa, a ética é a ciência prática daquilo que é. A felicidade corresponderia, desse modo, à compreensão lógica do mundo e da vida, o que se alcançaria pelo amor intelectual do verdadeiro Deus, que é imanente ao real. Há, portanto, como em Giordano Bruno, um **panteísmo** em seu pensamento, pois identifica Deus com a totalidade das coisas (*Deus sive Natura*). Espinosa foi muito perseguido por isso.

De acordo com o filósofo, a fonte de toda superstição é a **imaginação**. Incapaz de compreender a verdadeira ordem do universo, a imaginação credita a realidade a um **Deus transcendente e voluntarioso**, nas mãos de quem os seres humanos não passam de joguetes. E a partir da superstição religiosa se desenvolveriam as superstições políticas e filosóficas.

Para combater essas superstições em sua origem, Espinosa escreveu o texto *Ética*, no qual busca provar, como em uma **demonstração geométrica** (isto é, com definições, axiomas e postulados, dos quais se segue uma série de teoremas e corolários), a natureza racional de Deus, que se manifesta em todas as coisas.

Segundo o filósofo, Deus não criou o mundo nem está fora do mundo: ele é o próprio universo. Por isso, dizia "*Deus sive Natura*" ("Deus ou Natureza") e propunha a equação Deus = Natureza. Trata-se, portanto, de um Deus **imanente**, que está inseparavelmente contido e implicado em toda a realidade.